

Brasil está sem dinheiro para crescer

Falta de poupança interna para tocar o desenvolvimento leva o país à dependência cada vez maior do capital estrangeiro

Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**

São Paulo — Quem estava espantado pela retomada dos investimentos no Brasil deve se preparar. O país amargará, neste ano, mais um desempenho pífio na taxa da poupança interna, fundamental para garantir o crescimento sustentado da economia. O índice deverá ficar em 15,6% do Produto Interno Bruto (soma das riquezas do país), resultado muito próximo ao do ano passado, de 15,4%, o pior indicador desde 1983. Naquela época, o país mergulhou em recessão depois que os investimentos estrangeiros rarearam, temendo que a crise cambial do México chegassem à América do Sul. Para suprir a falta de dinheiro necessário ao crescimento, os empréstimos no exterior aumentarão neste ano, saltando de US\$ 24 bilhões, em 1996, para US\$ 32 bilhões. Com isso, crescerá a dependência do país por créditos internacionais. Um ato perigoso.

Fábio Giambiagi, economista BNDES, ressalta em um estudo que nos últimos três anos a poupança do governo vem melhorando, embora ainda esteja em níveis negativos. Saiu de -1,7% do PIB, em 1995, para fechar este ano em -0,2%. A poupança privada, contudo, mostrou um resultado pior: caiu, no mesmo período, de 18,5% para 15,9% do PIB.

Esse quadro mostra uma degeneração das contas internacionais do país. Como resultado, o Brasil terá que captar US\$ 74 bilhões em empréstimos externos para se financiar por apenas 36 meses. A quantia é igual a que o governo deverá obter nos próximos anos com a venda de todas as estatais do setor de energia e telecomunicações, segundo José Pio Borges, vice-presidente do BNDES.

“A despoupança do governo é explicada pelo volume maior de gastos em relação à arrecadação. Isto é o déficit público. No caso da área privada, houve um aumento do consumo da população por parte da expansão da

renda causada pelo Plano Real”, comenta Giambiagi.

ENDIVIDAMENTO

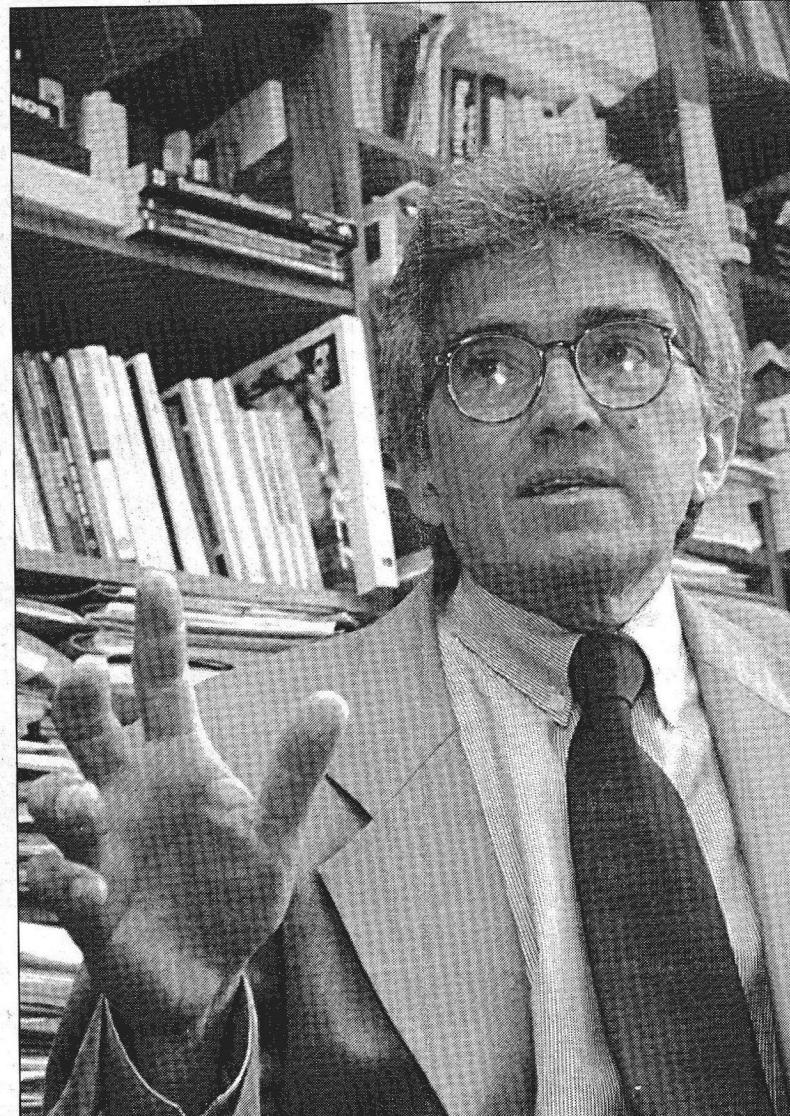
O aumento do endividamento do país, contudo, mostra que o Brasil não consegue fugir do risco de precisar de investidores estrangeiros, que, em geral, não são filantrópicos ao cobrar juros. O problema é que boa parte dos empréstimos não está permitindo a abertura de fábricas e criação de milhares de empregos. Esses recursos estão ingressando no país para bancar o consumo de produtos importados que, no máximo, geram empregos nos países onde foram fabricados.

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, diz que o crescimento das importações ocorre porque as indústrias estão comprando mais máquinas para se modernizar. Isto é verdade. Por essa filosofia, as compras de hoje são fundamentais para a ampliação das exportações amanhã. Contudo, o raciocínio não casa com a realidade. O Brasil queimou no primeiro trimestre, com a compra de mercadorias comuns, o equivalente a 74% dos gastos em equipamentos feitos no exterior, que chegaram a US\$ 3,419 bilhões.

Para Paulo Levy, economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), do Ministério do Planejamento, a tese de que a economia está superaquecida e precisa ter sua atividade reduzida é temerária. Embora reconheça que em abril houve um crescimento da produção industrial — uma antecipação das compras do Dia das Mães, em maio — ele diz que é preciso ter cuidado com eventuais medidas restritivas. Para ele, os indicadores da economia são dúbios.

Raul Veloso, um dos maiores especialistas do país em contas públicas, vocaliza o pensamento da maioria dos economistas, empresários e técnicos do governo sobre o que deve ser feito para que o país amplie a poupança doméstica: “Todos estão cansados de saber que as reformas, especialmente a Administrativa, a da Previdência e a Fiscal são essenciais”.

Tina Coelho 11.11.95



Raul Veloso propõe a venda de ativos que podem render R\$ 140 bilhões